

PATATIVA DO ASSARÉ: PORTA-VOZ DE UM POVO



ANTONIO IRAILDO ALVES DE BRITO

# PATATIVA DO ASSARÉ

PORTA-VOZ DE UM POVO

as marcas do sagrado em sua obra



Direção editorial: *Zolferino Tonon*  
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*  
Xilogravuras: *Nireuda Longobardi*  
Revisão: *Thiago Augusto Dias de Oliveira*  
*Iranildo Bezerra Lopes*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Brito, Antonio Iraldo Alves de  
Patativa do Assaré: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra  
/ Antonio Iraldo Alves de Brito. — São Paulo: Paulus, 2010.

ISBN 978-85-349-3208-0

1. Literatura de cordel - Brasil 2. Literatura de cordel - Brasil - História e crítica 3. O Sagrado na literatura 4. Patativa do Assaré, 1909-2002 I. Título. II. Série.

10-05487

CDD-398.20981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Literatura de cordel: História e crítica: Folclore 398.20981

© PAULUS – 2010  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3208-0

Aos meus pais *Antônio* e *Mirian*,  
homem agricultor e filósofo por natureza,  
na escrita nem o nome aprendeu a assinar.  
Mulher artista, oleira na arte e na vida,  
nas letras apenas o nome sabe rabiscar.  
Os dois são mestres na poesia e na vida,  
e na fé classificados em primeiro lugar.



## Nota do autor

Este texto é resultado de minha dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul-RS, em julho de 2009, sob a orientação do prof. Dr. Jayme Paviani.

O tema diz respeito à poética sertaneja de Patativa do Assaré, com o viés: os aspectos do sagrado. A abordagem tem como ponto de partida a oralidade, tendo em vista que a poesia em questão é essencialmente oral. Em seguida, traço um perfil do poeta, destacando aspectos considerados relevantes em sua trajetória. Segue-se a apresentação de suas principais obras, antes “armazenadas” na mente e no coração do vate, agora convergindo para a letra no papel, bem como para outras mediações. Finalmente, discorro sobre os aspectos do sagrado, considerando o *corpus* de poemas escolhidos. A pesquisa tem caráter interdisciplinar.

No ano do centenário do poeta (1909-2009), este texto quer ser também um modo de homenagem.

Expresso meus sinceros agradecimentos a todos os que, de uma forma ou de outra, me acompanharam nesse processo.

*Antonio Iraldo Alves de Brito*



# APRESENTAÇÃO

por Jayme Paviani<sup>1</sup>

Antonio Iraildo Alves de Brito, em *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo*, oferece um novo estudo sobre a poesia oral de Antonio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, agora sob o enfoque do sagrado. Após mostrar o rico perfil do poeta e de resenhar as investigações principais dessa obra que vem ganhando cada vez mais notoriedade, examina de modo interdisciplinar como o sagrado se manifesta em seus poemas. Os poemas escolhidos são analisados com múltiplos instrumentos metodológicos, tais como os da teoria da literatura, da sociologia do conhecimento e, naturalmente, da filosofia e da teologia. O quadro teórico que fornece coerência e racionalidade à análise reconstrói os enunciados básicos que caracterizam o conceito de sagrado dentro de uma perspectiva que articula com maestria outros conceitos, como o de oralidade, cordel e mito.

Patativa do Assaré é um poeta legítima e autenticamente popular, o que não é menos, porém, mais próximo da voz do povo, do bom senso. Os poemas dizem o mundo, a vida, o homem, Deus. Neles, a profecia do sertão, numa forma literária de matriz cabocla, torna-se missão, não apenas por sua arte, seu domínio da linguagem, mas principalmente pelo ato criador atribuído à divina providência. Diante dessa voz humilde e poderosa, sensível e inteligente, Antonio Iraildo se debruça com uma devoção crítica admirável e escreve um

<sup>1</sup> Jayme Paviani é crítico de arte, filósofo, escritor e professor.

trabalho acadêmico absolutamente acessível, elegante, objetivo, perpassado de uma sutil ternura pelo poeta.

O autor divide sua obra em quatro capítulos, que funcionam como quatro momentos de um concerto, pois a passagem de um para o outro é leve e natural. Depois de introduzir o objeto de sua investigação e de definir os instrumentos de trabalho, o autor quase desaparece para dar lugar à voz e à poesia de Patativa do Assaré. A visão do poeta, na potência criadora de sua voz, na declamação que ecoa nas plateias, devolve aos homens a função nascente da poesia, que, desde os tempos de Homero e de Hesíodo, guarda a primazia do verso, do canto e da música para expressar o mais íntimo do indivíduo e, especialmente, do homem coletivo, da realidade social e das relações do homem com a transcendência.

Num livro como este, bem escrito, agradável de se ler, o autor serve o poeta, e não o contrário, como seguidamente acontece. Antonio Iraldo abre perspectivas para quem deseja prestar atenção à poesia de Patativa do Assaré. Ele mostra como a simplicidade é rica em conteúdos; como nessa poética, entre outros temas, o sagrado é um dos mais recorrentes; como a existência humana está entrelaçada com os desígnios de Deus; como um outro mundo possível está aberto para quem a sabedoria não é erudição, mas capacidade de compreender a si e os outros.

Sinto-me honrado em poder escrever estas linhas de apresentação, não porque a obra de Antonio Iraldo precise ser apresentada, mas porque a convivência humana com indivíduos e obras autênticas nos torna cada vez mais dignos e verdadeiros.

## INTRODUÇÃO

Eu sei, por experiência,  
Pois desde a minha inocência,  
Nesta estrada, a Providência  
Dirigiu os passos meus.  
A vida vivo gozando,  
Sempre amando e admirando  
*As maravilhas de Deus.*<sup>2</sup>

Patativa do Assaré. Não só popular, não só erudito. Os dois imbricados. Num primeiro contato, pareceria bem mais cômodo simplesmente enquadrá-lo numa categoria e ponto. Mas percebeu-se que sua obra extrapola os rótulos rígidos, as dicotomias abissais. Uma palavra se impõe e só ela bastaria: *poeta*. Poeta que no princípio fora violeiro, repentista, cordelista. E, ao longo da vida, foi isso tudo junto. Expressões essas oriundas de um saber ancestral, que lhe legaram a forma primordial da linguagem: a fala. Sua poesia é voz, um eco herdado dos tempos originais.

A audição pela primeira vez da declamação de um cordel abriu-lhe os ouvidos e despertou-lhe a vontade de beleza: poderia explicar o mundo por meio da palavra poetizada. A revelação do belo lhe veio pelos ouvidos. A partir de então, nada o detinha na busca por saciar a fome de poesia. Daí seus versos fartos, vertidos como que de água limpa de cacimba, nas fontes oásicas do sertão.

Envolto no universo da oralidade, desde muito cedo sentiu-se vocacionado a porta-voz, mediador da palavra. Mensageiro oracular. Recadeiro do “deus”. Qual Hermes grego, um intérprete, veículo da mensagem. Como Homero ou um profeta bíblico, intermediário e agente divino. O encargo é o mesmo: portador da linguagem.

<sup>2</sup> ASSARÉ, Patativa do. *Melhores poemas*, p. 309.

Neste trabalho se objetiva averiguar, identificar e interpretar aspectos do sagrado presentes na sua poética. O interesse é apreender o significado humano, vivo e implícito no poema, revelador da “visão do mundo” do poeta, como guardião do imaginário coletivo. Ele tem o papel de criador, de intérprete e de anunciador de uma mensagem. Isso Patativa parece fazer, movido por uma “força superior”. Para ele, há uma sacralidade que move o mundo:

Quando canta o sabiá  
sem nunca ter tido estudo  
eu vejo que Deus está  
por dentro daquilo tudo  
aquele pássaro amado  
no seu gorjeio sagrado  
nunca uma nota falhou  
na sua canção amena  
só canta o que Deus ordena  
só diz o que mandou.<sup>3</sup>

Referindo-se ao sabiá, é como se o poeta se referisse a si próprio. Sabe-se que ele não passara mais que seis meses frequentando a escola oficial. Adquiriu o saber como autodidata, em um esforço contínuo por entender o mundo a sua volta e satisfazer a curiosidade. Percebe-se que o eu poético fica muito à vontade para revelar a fonte na qual se iniciou na arte da poesia. Seu mestre foi um só, Deus:

Neste globo terrestre  
apresento os versos meus  
porém eu só tive um mestre  
e esse mestre é Deus.<sup>4</sup>

Tendo o sagrado como “pano de fundo”, ele se utiliza de matrizes míticas clássicas e construções da capacidade imaginativa humana, de domínio público, para compor o seu quadro próprio, usando artefatos e criatividade na preparação e proclamação do discurso: traduz,

<sup>3</sup> Idem. *Digo e não peço segredo*, p. 18.

<sup>4</sup> Idem, p. 17.

interpreta e presentifica os mitos por meio da voz, com os elementos constitutivos da *performance*. Por isso, notou-se que, para fruir da poesia patativana, exige-se imaginar uma voz, seus tons e o corpo todo do poeta em ato gestual.

Nesse sentido, analisando e interpretando os poemas, procura-se “dissecar” o quanto possível seus elementos *exteriores* e *interiores*.<sup>5</sup> Por exemplo, contextualização, intertextualidade, rima, ritmo, estrofação, vocabulário, símbolos regionais e universais e outros. Porém, o interesse em questão não é tanto pela forma, mas pelo conteúdo. De modo que não se procura somente dissecar analiticamente as estruturas em separado, mas também, e sobretudo, apreender sua “teia de significação” com o “mundo da vida”, o vivido.

O procedimento vai ao encontro das observações de Ezra Pound<sup>6</sup> a respeito do método mais adequado para o estudo da poesia e da literatura. Ele sugere um “exame cuidadoso e direto da matéria e contínua comparação de um espécime com outro”. Convém mencionar o episódio do estudante de pós-graduação e Agassiz, professor de História Natural. Diz-se que, certo dia, o estudante pós-graduado, coberto de honrarias e diplomas, foi ter com o mestre a fim de receber os ótimos e últimos retoques em seu trabalho. No entanto, ficou surpreendido: o professor deu-lhe um pequeno peixe e pediu-lhe para o descrever. Pasmado perante a simplicidade da tarefa, responde: “Mas este é apenas um peixe-lua”. Ao que o naturalista retruca: “Eu sei. Descreva-o por escrito”.

Passados alguns minutos, o estudante volta com a descrição *Ichthus Heliodyplodokus* (ou qualquer outro elucidário, desses de manuais sobre o assunto, fora do conhecimento vulgar: *família dos Ichthus Heliodyplodokus* etc.). Agassiz pede ao estudante para que descreva de novo o peixe. O jovem obedece e, ao regressar, traz um ensaio de quatro páginas sobre o assunto. Então o professor diz-lhe: “Olhe para o peixe”. Passadas três semanas, o peixe estava em adiantado estado de decomposição. Porém, a essa altura o estudante sabia alguma coisa sobre ele.

<sup>5</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Na sala de aula*, p. 69-70.

<sup>6</sup> POUND, Ezra. *ABC da literatura*, p. 23-24.

Assim, metaforicamente, a poética de Patativa se nos apresenta como o “peixe de Agassiz”. A tarefa é ir além do que já dizem os manuais, as terminologias estanques, e descobrir algo “novo” em sua obra. Parte-se obviamente do texto, porém considera-se que ele é essencialmente voz. De forma tal que se faz necessário um aguçamento da capacidade intuitiva e imaginativa, como já mencionado, para pensar inclusive sobre os possíveis gestos de uma dicção. É a busca por perceber o “índice de oralidade” subjacente ao texto.

Como base para a análise e interpretação do *corpus*, consideram-se os pressupostos conceituais a respeito do sagrado. A abordagem parte sobretudo da concepção de Rudolf Otto a respeito do tema. Sua perspectiva objetiva clarificar o caráter específico da experiência do sagrado a partir dos elementos não racionais e racionais. Outro teórico a que se recorre é Mircea Eliade, que, por sua vez, situa o assunto numa perspectiva histórica: o fenômeno é tratado em sua totalidade e de um modo que o sagrado se opõe ao profano. Nesse sentido, o homem só tem acesso ao sagrado porque este se manifesta.

Procura-se, nesse sentido, na totalidade do trabalho, “entrelaçar” teoria e poemas, de modo que, concomitantemente ao processo analítico interpretativo, compõe-se uma peça única. Vale dizer que religião aqui se pretende no sentido aberto de fé, ou seja, não institucionalizada. Embora se possa perceber que a visão do mundo do poeta é a partir do catolicismo, esta carrega em si marcas de uma “fé autônoma”, um tipo de catolicismo marginal, ou, dito em outros termos, religiosidade popular. Em suma, o que está em questão é averiguar os elementos do sagrado que caracterizam o homem religioso, na linguagem, nas personagens e na pluralidade de sentidos sugeridos pelos poemas.

Para chegar a esse ponto, o primeiro capítulo se ocupa de evidenciar o papel da oralidade. Parte-se de uma breve panorâmica da antiguidade grega, onde a palavra falada ocupava lugar especial e o poeta era personagem principal da cena social, cultural, religiosa. Era um arquivo vivo. De forma que, mesmo quando a letra já ascendia, havia certa desconfiança quanto à validade e eficiência do discurso escrito. Grandes obras antigas, como *Ilíada* e *Odisseia*, foram compostas para serem ditas em voz alta e serem ouvidas. Um exemplo citado

de oposição à escrita é Platão. Para ele, a escrita seria incapaz de se igualar à expressividade da voz.

A abordagem, porém, não faz uma apologia inocente da oralidade em detrimento da escrita. Sabe-se que, na contemporaneidade, quem não domina os códigos gráficos, isto é, quem é analfabeto, é excluído. E depois, num país como o nosso, em que a chaga do analfabetismo ainda não foi totalmente cicatrizada e o sistema de ensino ainda é tão ineficaz, pode soar sem sentido o discurso no que se refere à valorização do conhecimento espontâneo, nesse caso a oralidade, conseguido apenas com a boa vontade e resistência do povo. E, por outro lado, a omissão dos governos, que, ao longo da história, deixaram multidões à margem, sem o acesso aos meios necessários para o domínio da letra.

Certamente que não se deseja recuar no tempo para uma transmissão comunicacional puramente oral. O que se problematiza é o modo absoluto, construído ao longo da história, de ver o mundo apenas pela ótica letrada. Em vez da conjugação dos saberes, preferiram-se as divisões extremadas entre ambos. O saber proveniente da oralidade é tão importante quanto o da escrita, e não impede uma atividade intelectual complexa. Aliás, a voz constitui um saber primordial.

Nesse sentido, observam-se a primazia da oralidade e sua “onipresença” no texto: a voz subjaz na escrita, o que Zumthor (1993) denomina de “índice de oralidade”. Exemplo é a Idade Média, que a história nos apresenta como um vasto espaço de tempo; apresenta-se como uma época também regida pela voz. De lá nos vieram as “vozes d’além-mar” com o colonizador, que trouxe na bagagem, no coração e na garganta um eco vocal europeu. Desse eco se formou, aqui no Brasil, uma cultura marcada pela oralidade. Destacam-se neste estudo a cantoria e o cordel, expressões orais, fontes nas quais Patativa “bebeu”.

Dessa forma, no segundo capítulo, entra em cena Patativa do Assaré. Trata-se de abordar alguns aspectos da sua trajetória, ou, como se optou chamar, *fragmentos de vida*. Não há a pretensão de um discurso linear. Interessa apresentar o poeta e certos elementos marcantes para a composição da poética. Descreve-se sua origem sertaneja, agricultor-

poeta, homem ligado à terra, “pé no chão” e ouvidos atentos ao “poder do onipotente”. Como poeta e profeta, homem da palavra e do gesto, proclama de viva voz a beleza e os dramas do sertão, e denuncia o luxo das elites opressoras. Luxo fruto da miséria. É voz profética que clama por justiça. Justiça, por assim dizer, baseada no cristianismo primitivo, onde se partilhavam os bens e ninguém passava necessidade. Em Patativa, utopia e realidade declamam o porvir.

Percebe-se que tudo em volta do poeta podia ser traduzido em verso. Nem mesmo o cansaço e o suor do trabalho duro no roçado lhe impediam de ouvir a voz da “musa”: compunha de cabeça, sem a necessidade de retoques no papel. Quem sabe essa capacidade de criar tenha sido resultado de sua busca incessante, não somente por conhecimento, numa perspectiva puramente racional, mas por sabedoria e sentidos.

Embevecido pelo poder da palavra, o que se nota é que não lhe faltava inspiração e capacidade criativa: “pra toda parte que eu oio/ vejo um verso se buli”. Verso que podia dizer, proclamar tanto na linguagem “cabocla” como na linguagem “erudita”, nos moldes do cordel ou em soneto clássico.

Poesia é um dom da natureza  
Que nos enche de graça e de alegria  
Mesmo o tema tratando de ironia,  
De revolta, de choro de tristeza.

Foi Olavo Bilac com certeza,  
Com o Guima na sua companhia  
Nos mostrando a maior filosofia  
Versejando com muita realeza.<sup>7</sup>  
(...)

Dizia-se possuidor de um “dom natural”, mas nem por isso se descuidou do aperfeiçoamento de sua lira, bebendo também na fonte dos poetas “letrados” e aprendendo com eles. O resultado disso é a diversidade de poemas compostos na forma camoniana e em outros

<sup>7</sup> ASSARÉ, Patativa do. *Melhores poemas*, p. 208.

moldes da poesia chamada erudita, dependendo da audiência. Mas resulta, sobretudo, numa obra que prima pela variedade linguística de sua gente “cabocla”. Impressiona a capacidade do poeta em convergir.

Daí convergir também para o escrito. Não porque sentisse necessidade para tal, a voz parecia lhe bastar. Mas, como poeta livre, devia saber que a poesia pode ser veiculada nos mais variados meios e modos. Através da escrita, sua obra registrada no papel ficaria acessível às gerações que não puderam acompanhá-lo em viva voz, em ato performático. É desse processo de convergência de voz para a letra que se discorre no terceiro capítulo. Faz-se o caminho de sua voz ditada para tornar-se letra em livro. Mas não somente em livro; em outras mediações igualmente, por exemplo, no cinema, na música, nas artes plásticas, na internet, no estudo de sua obra nas universidades, e tradução para outras línguas.

No quarto capítulo, trata-se da faceta do sagrado, sobre a qual o poeta expressa sua visão do mundo, narrando mito e fé. Para isso, o *corpus* selecionado contempla quatro poemas, nos quais se procura analisar e interpretar os aspectos característicos de uma obra marcada pelo “sobrenatural”. Sobrenatural entendido como a capacidade de imaginação religiosa do homem, por meio da qual ele enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa, misteriosa, temerosa, e pauta a vida com esses significados.

Haveria uma aura sagrada preenchendo os espaços de vida e o significado que o homem do sertão de Patativa lhe confere. Algo distinto do mundo puramente humano, mas terreno do profano também, que sofre interferência do sagrado. Isso se observa em “Filosofia de um trovador sertanejo”, em que é narrado o mito da criação judaico-cristã. O poeta se personifica num cantador popular, que muito lembra um menestrel medieval. Atendendo a uma solicitação de um certo “dotô”, ele verseja acompanhado de sua viola sobre um tema contado e recontado na cultura cristã ocidental: a figura bíblica do primeiro homem e da primeira mulher, opinando sobre a origem do mal no mundo, com ênfase para a questão da morte e o destino da humanidade.

No poema “A menina e a cajazeira”, há como que a busca de um elo originário perdido. Considera-se uma reflexão existencial

acerca da vida humana e da natureza. Tudo movido por uma força de outro mundo. Percebe-se na composição certa sensação de angústia e tristeza: o destino de todos os seres estaria traçado, portanto ninguém escaparia dele. A explicação dos descaminhos humanos se daria por um evento primordial: a culpa de Adão e Eva.

A composição “Uma do diabo” narra as proezas de um sujeito de nome Mané Gibão, afamado no sertão por sua coragem; de tão corajoso, não cria em nenhuma das coisas do “outro mundo”. Mas um dia teve de deparar-se com o “capeta”. Os versos, com algumas “doses” de humor, sugerem um universo regido por algo além deste mundo, no qual se evidencia o imaginário a respeito da figura do diabo e o poder intermediário dos santos.

Já em “O caçador”, junto à presença do mito, especialmente a figura da Caipora, desenrola-se uma crítica social incisiva no que se refere à questão do latifúndio, problema esse escravizador do sertanejo. Há nessa composição, por assim dizer, um artefato sobrenatural que sai da boca do caçador e culmina com seu posicionamento crítico e consciente a respeito do sistema que o oprime. O caçador teme e respeita os sinais sobrenaturais; guiado por eles, até evita fazer suas caçadas. Porém, o problema da terra mal repartida se explica pelas artimanhas do homem. E ele não está alienado disso. Sua visão mítica da vida não é álibi para se deixar dominar pelos poderosos da terra. Ele teme, sim, o poder dos céus e os mistérios da mata. Mas as tramas injustas, ele as enfrenta com astúcia.

Nesse sentido, constata-se uma poética que se utiliza do imaginário do homem do sertão, não para fazer caricaturas ou chacotas deste, mas para valorizar os símbolos constitutivos de sua identidade. Daí uma das relevâncias – literária, social e cultural – da obra de Patativa. É possível dizer que ele parece ser verdadeiro porta-voz e representante do homem simples, de seu povo, da beleza e do valor da cultura. Não é preciso muito esforço para perceber isso. Bastaria um olhar rápido em suas composições. Esta abordagem quer ser um pouco desse esforço.